

DESIGN DE MOEDAS ENTREVISTA COM JOÃO DE SOUZA LEITE

Por Sérgio Cohn

Sergio Cohn: *Como foram as suas experiências na criação de cédulas ao lado do Aloísio Magalhães?*

João de Souza Leite: Eu tive duas experiências junto com o Aloísio Magalhães de realizar cédulas monetárias. A primeira foi em 1967, com a primeira mudança do padrão monetário para o Cruzeiro Novo, que foi a primeira série produzida no Brasil. As matrizes eram feitas fora, na Europa, e pela primeira vez o Brasil imprimia o seu próprio dinheiro. Naquela época eu era um pirralho trabalhando como assistente dele, e só auxiliei a montagem do trabalho inicial. Depois ele enfrentou como desenvolver aquilo. E é muito interessante esse processo de desenvolvimento porque o Aloísio concebeu as primeiras cédulas do Cruzeiro baseado no moiré, que é o desenho que acontece quando se sobrepõe duas retículas – o que deixa qualquer reprodução fácil de reconhecer. Naquela época os falsificadores fotografavam o dinheiro e reproduziam em off-set. O Aloísio já fez a cédula sendo moiré, inviabilizando qualquer cópia – era quase impossível você conseguir reproduzir aquele dinheiro. Era um desenho gerado mecanicamente onde ficavam muito nítidos os raios e as distorções a que ele chegava. Agora, para convencer o pessoal da Suíça, onde se faziam as matrizes, foi muito difícil. Mas eles acabaram reconhecendo que ali havia uma novidade. Era inaceitável para aqueles europeus de nariz empinado que um pernambucano chegasse com uma ideia que era realmente uma novidade no campo do dinheiro.

A segunda experiência foi já em 1976, e a questão era outra: fazer as matrizes e o processo inteiro no Brasil, na Casa da Moeda. Esse trabalho foi muito interessante. A experiência que posso ter para falar sobre cédula de dinheiro vem dessa época. Nós tínhamos que pensar uma maneira própria para pensar a tecnologia existente. Se você olhasse o mercado de moedas

naquela época, que era um período onde não havia Euro, cada país da Europa tinha sua própria cédula, era uma coisa muito rica plasticamente e como projeto. Cada país diferente utilizava a tecnologia de uma determinada maneira. Nós tínhamos que achar o modo brasileiro, definir como nós iríamos lidar com a tecnologia e como iríamos trazer um elemento visualmente forte que caracterizasse nossa moeda, para que não fosse exatamente um medalhão ou uma cercadura da figura. E nesse processo o Aloísio pensou a ideia da cabeça espelhada, para não existir uma posição certa, já que o objeto circula por troca gestual. Não havia uma direção formatada da moeda. Isso criou desafios novos para pensar o design da moeda, que acabaram não se efetivando, por falta de tempo, o que foi uma pena.



Quais são esses desafios de um design de moeda?

O problema de impresso de valor é, antes de tudo, uma questão de se dificultar o máximo o processo de falsificação. Não existe dinheiro não-falsificável. A questão toda é você fazer com que esse processo demore o máximo possível. Um dos fatores que faz com que as cédulas tenham seus desenhos mudados de tempo em tempo é exatamente esse. Você muda quando já deu tempo suficiente para se fazer uma cópia confiável. Uma cédula de dinheiro normalmente envolve pelo menos três tecnologias diferentes de impressão: tipografia para a numeração; off-set com impressão simultânea frente e verso, o que permite algumas áreas de coincidência de imagem, o que era privilégio até alguns anos atrás dos fabricantes de moeda; e o talho doce, ou calcografia, que é um processo de gravura com tinta no sulco de baixo relevo, então quando aquilo é pressionado contra o papel, cria o relevo e a pintura. Isso é uma coisa muito difícil de se fazer em duas operações distintas. Muitas vezes os falsificadores tentam – eles imprimem a tinta e depois fazem um alto-relevo. Mas é fácil de perceber a falsificação. O princípio tecnológico é esse, mas você tem infinitos outros artifícios para garantir essa irreprodutibilidade. Um dos fatores importantes é a criação de fundos de segurança. Quanto mais delicados e complexos forem esses fundos, quanto mais emaranhados houver de linhas, de cores diferentes, sobretudo de cores claras, existem algumas gamas de cores que são próprias para isso, onde uma máquina de reprodução terá mais dificuldade para copiar, mais segura será a cédula. Pode-se usar também alguns elementos na própria massa do papel, fiapos de várias cores diferentes, marca d'água – que é um desenho na própria polpa do papel –, fitas magnéticas. Tudo isso também pode ser falsificado, mas quanto mais rica a cédula for de nuances, mais complicado é o processo.

Qual sua análise sobre essas questões nas moedas que trouxemos aqui – Cubo Card, Goma e Marciano?

Em termos de segurança, uma cédula de moeda social, que não poderia, por uma questão de custo, utilizar todos os recursos tecnológicos, precisa trabalhar em primeiro lugar os fundos. Porque os fundos, qualquer reprodução mais tosca vai empastelar um pouco, ou até vai criar um certo

moiré, como eu disse antes. Todas as moedas aqui apresentadas lidam com um fundo, mas num caráter plástico, não de segurança. Isso pode virar um problema, se as moedas ganharem um circuito maior. Enquanto elas circulam por grupos restritos, é possível de controlar, mas elas precisam pensar nisso antes de o problema aparecer. E esse problema até é mais grave quando se considera os recursos de reprodução, que hoje tem um avanço tecnológico muito mais rápido do que os recursos de produção mesmo. Coisas que eram feitas manualmente no passado hoje são muito mais acessíveis. Frente ao aparato tecnológico de hoje, o assunto é complicado.

Isso não pode indicar que os coletivos trabalham muito mais na ideia de confiança entre os parceiros, de que não haverá a intenção da cópia?

Confiança ou falta de avaliação sobre o alcance dessa questão. Ao meu ver, sobre o ponto de vista da segurança, são moedas razoavelmente simples de reproduzir. E isso obriga as moedas a circularem num espaço exageradamente restrito. São moedas cujos objetos gráficos estão trabalhando muito mais com a simulação de uma moeda, do que efetivamente resolvendo o problema de um impresso de valor. Não há uma preocupação ou atenção para a segurança. Atualmente os custos de impressão abaixaram, antes havia uma disparidade de valor absurda entre impressão de uma cor e de quatro cores, mas agora é possível se pensar essas questões de uma forma mais qualificada. É uma questão muito mais de atenção aos design das moedas do que de tecnologias de impressão.

Tirando a questão da segurança, o que se pode dizer do design dessas moedas sociais?

Existe outro valor, além da questão da segurança, que é o valor cultural. Uma cédula é talvez o objeto de comunicação mais reproduzido no mundo, de maior circulação na sociedade. É um grande veículo de cultura. Talvez não exista nenhum outro objeto de comunicação tão abrangente no mundo, que rompe com classes sociais e posições culturais. Nada disso é respeitado pelo dinheiro. O dinheiro circula por todos os segmentos da sociedade. Esse fato dá um poder fantástico a essa imagem e a esse objeto. Olhando as moedas sociais, elas são pensadas como uma família gráfica,

como um conjunto. Mas são geométricas, ou puramente abstratas. Que oportunidade se perde aqui para utilizar algum elemento que tenha a ver com manifestações culturais brasileiras – sejam tradicionais ou de arte contemporânea, por exemplo. São moedas gráficas, abstratas, que não guardam nenhum grau de representação a não ser o princípio do design. São figuras interessantes, bonitas graficamente, mas perde-se a oportunidade de se utilizar a moeda como um veículo cultural. Quantos artistas nossos trabalharam com elementos gráficos geométricos? É só pensar em Volpi ou nos concretos. É possível dizer que existe nessas moedas a manifestação de um artista gráfico, sem sombra de dúvida. Isso foi feito por alguém que tem consciência do que está fazendo. Há um princípio gráfico em todos eles, o que é positivo. Mas ainda assim carece de ser a afirmação de algum valor cultural mais amplo. E também de se utilizar o espaço da moeda como um veículo como um todo. No caso das moedas sociais mostradas, elas estão trabalhando apenas com uma moldura para uma figura, mas é interessante que todo o espaço seja utilizado graficamente, o que torna o objeto muito mais rico.

JOÃO DE SOUZA LEITE é designer, professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor agregado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi consultor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e tem experiência na área de Design e Educação em Design.

SERGIO COHN é escritor, poeta, editor e fundador da editora Azougue.

Esta entrevista foi produzida pela editora Azougue, por ocasião da Revista Pensamento Brasileiro, e gentilmente cedida para a quarta edição da Revista Carbono.

Artigo publicado na Revista Carbono #04

[Dinheiro – primavera 2013]

<http://www.revistacarbono.com/edicoes/04/>

Todos os direitos reservados.